

Revista **MONXORÓS**

Ano 2, Nº 03, V. 01, 2025

ISSN: 2966-0017

[ARTIGO]

**A QUESTÃO DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO FUNDAMENTAL
II: estudo de caso a partir de uma escola pública do
município de Rafael Godeiro-RN**

Gildeiza Fernandes de Oliveira¹

Katarina Ruzia de Souza²

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar apresenta-se como um espaço marcado pela diversidade, onde é possível perceber e vivenciar uma multiplicidade de relações sociais, como valores, experiências, concepções, culturas, crenças que se misturam e fazem do cotidiano escolar uma rica e complexa estrutura de conhecimentos e de sujeitos. Segundo Candau (2000), a escola precisa ser espaço de formação de pessoas capazes de serem sujeitos de suas vidas, conscientes de suas opções, valores e projetos de referência e atores sociais comprometidos com um projeto de sociedade e humanidade.

Alguns teóricos do campo da educação, como Wallon (2010), Rossini (2001), entre outros, defendem e reafirmam a necessidade da presença da afetividade nos processos

¹ Graduada em Pedagogia, Geografia e História. Especialista em Psicopedagogia e em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica. Mestra em Ciências da Educação e Doutoranda em Educação. Docente da SEEC/RN.

² Graduada em Ciências, Matemática e Letras Português. Especialista em Educação Matemática. Mestra em Ciências da Educação e Doutoranda em Educação. Docente da SEEC/RN.

pedagógicos e educativos, pois, segundo eles, quando as relações afetivas são consideradas e utilizadas, os resultados dos processos de ensino-aprendizagem se mostram como mais satisfatórios, além de influenciarem uma formação que considera e dá importância para alguns valores que não são trabalhados em outros processos educativos, vistos como mecanicistas e tecnicistas.

No campo educacional, temos nos deparado cada vez mais com técnicas inovadoras da prática pedagógica, que tem por objetivo auxiliar e melhorar o desempenho do professor na tarefa de ensinar. O uso dessas técnicas modernas busca suprir as exigências dos educandos, uma vez que, atualmente, o ambiente escolar possui uma multiplicidade de comportamentos, o que contribui para a necessidade de o professor preparar-se para atuar em diversas situações, devendo saber como agir e como proceder para desenvolver no aluno o interesse e oportunidade de aquisição dos conteúdos. Seguindo essa linha de pensamento, somos levados a nos questionar: a relação de afetividade entre professor-aluno facilita o processo de ensino-aprendizagem?

Nesta perspectiva, a presente pesquisa se propõe a investigar e refletir sobre a importância das relações afetivas nos processos educativos, isto é, analisar a importância do vínculo afetivo que se estabelece entre professor/aluno no desenvolvimento da aprendizagem, especialmente, dos educandos do Ensino Fundamental II.

Para isto, realizamos uma pesquisa empírica e elegemos como *lócus* para nossa análise uma escola pública da cidade de Rafael Godeiro-RN. Assim sendo, iniciamos nossa investigação e a buscar respostas para a seguinte problemática: como são trabalhadas as relações afetivas nos processos de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental II, tendo como recorte uma escola pública do município supracitado?

Seguindo esta prerrogativa, a importância de se desenvolver esse trabalho centra-se no empenho de caráter científico que a proposta pretende alcançar, isto é, a relevância social que é capaz de apresentar, considerando que os seus resultados poderão contribuir consideravelmente para reflexões acerca dos processos de ensino-aprendizagem, especialmente, no que se refere às relações entre professores e alunos, não só do nosso *lócus* de pesquisa, como também em outras realidades, podendo proporcionar novas práticas, reforçando que a afetividade pode ser uma facilitadora dos processos educativos.

Surge daí a relevância de se abordar o tema afetividade docente, por entender que o cuidar é um ato consciente, que pode ser ensinado e consiste, por sua vez, em um dos maiores geradores de proximidade, atenção e bem-estar que o mundo humano conhece (Reginatto, 2013).

CONCEPÇÃO DE AFETIVIDADE

Do latim *affectus*, a palavra “afeto”, corresponde em português a “sentimento de amizade”, “afeiçoado a”, “carinho”, “afabilidade” (Ferreira, 1999). Assim, quando se pensa em “afeição”, naturalmente surgem na mente imagens relacionadas ao cuidado, acolhimento, aceitação, afago, apego e carinho. O afeto é, portanto, uma emoção que logo sentimos, pois se materializa e, desta forma, se comunica, através das emoções ou sentimentos, que também têm uma função importante na motivação, na conduta e na aprendizagem.

O termo afetividade pode ainda ser considerado como uma parte intrínseca do sujeito, que faz parte de si, não devendo ser analisado de forma distinta, mas como algo que faz parte do ser humano. Com base nessa ideia, esta temática tem se tornado relevante no ambiente escolar, uma vez que pode contribuir de forma significativa para o processo de ensino- aprendizagem, devendo ser uma companhia constante no trabalho docente, isto é, da relação professor-aluno e do seu trabalho e convívio diário com o educando.

Dessa forma, buscando um entendimento geral e de certa forma mais objetivo sobre a temática afetividade e suas contribuições no processo de ensino-aprendizagem, buscamos elencar conceitos e definições de vários teóricos e fontes de pesquisa sobre este tema para realização deste trabalho.

De acordo com Cabral e Nick (1999), faz-se necessário caracterizar e representar não apenas a afetividade em sua concepção mais exata, mas também designar os sentimentos ligeiros e momentâneos de agrado ou desagradado. Enquanto o afeto é definido como qualquer espécie de sentimento e emoção associada a ideias ou a complexos de ideias, a palavra afetividade caracteriza-se como um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam em sentimentos e paixões, podendo durar a partir de curto ou longo espaço de tempo.

Segundo Abbagnano (2000, p. 53), “afeição é usada filosoficamente em sua maior extensão e generalidade, porquanto designa todo estado, condição ou qualidade que consiste em sofrer uma ação sendo influenciado ou modificado por ela”. A afetividade apresenta-se, portanto, como a parte do eu, do mais amplo domínio da atividade pessoal, sendo mesmo a base do psiquismo, o que há de mais fundamental na conduta e reações individuais. Seu domínio vai desde a sensibilidade corporal, física, interna e externa, abrangendo as sensações corpóreas dos órgãos internos e a sensibilidade tátil, até a interpretação subjetiva das vivências, consciente ou inconsciente, dependendo de características pessoais do humor e temperamento.

Segundo Piaget (2005), o termo afetividade compreende um dos principais elementos da inteligência, podendo ajudar no desenvolvimento do aluno, como também podendo prejudicá-lo pelo excesso dos pais, como ocorre em casos de superproteção. Ou seja, a afetividade pode ser caracterizada como instrumento motor das ações, estando a razão ao seu serviço. Dessa forma, os afetos, sejam emoções ou sentimentos, também apresentam uma função importante na motivação da conduta e para a aprendizagem da criança, contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento cognitivo e social.

Wallon (2010), ao discutir sobre a questão da afetividade, destaca a sua relevância não apenas nos processos de aprendizagem, mas também no funcionamento e desenvolvimento humano. Para ele, o desenvolvimento volta-se para a psicogênese da pessoa completa, e tem por objetivo proporcionar a compreensão dos diferentes aspectos que constituem o ser humano – dentre elas, a dimensão afetiva. Ainda segundo o autor, a evolução afetiva está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento cognitivo, visto que difere sobremaneira entre uma criança e um adulto, supondo-se a partir disto que há uma incorporação de construções de inteligência por ela, seguindo a tendência que possui para racionalizar-se. Isto é, desde o nascimento, o contato que a criança estabelece com as pessoas e o mundo à sua volta envolve não apenas a cognição, mas também as emoções, seus sentimentos e afeto pelo próximo, através de uma troca simultânea de carinho, de afeição.

Nessa perspectiva, a afetividade pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento humano, pois é também por meio dela que o ser humano demonstra seus desejos, anseios e vontades. No ambiente escolar, esses laços podem ser aprimorados de forma bastante relevante, contribuindo para a aquisição da aprendizagem por parte do

aluno, uma vez que os laços afetivos podem contribuir para o bem-estar e permanência do aluno em sala de aula, ao mesmo tempo que pode corroborar para aprender os conteúdos repassados.

A AFETIVIDADE COMO UM RECURSO PARA A APRENDIZAGEM

A afetividade acompanha o ser humano durante toda sua vida e desempenha um importante papel no seu desenvolvimento, relações sociais e sua interação com o outro. A escola, nesse contexto, apresenta-se como um ambiente de elo entre os membros que a compõem, sendo considerada um espaço em que a criança prosseguirá sua vida, além de se constituir como um local onde o educando dará continuidade ao seu desenvolvimento em sua complexidade, ou seja, nos aspectos cognitivo, psicomotor e socioafetivo.

As relações afetivas – em suas diferentes formas – fazem parte do cotidiano e das relações de vivência dos educandos, independentemente de sua origem, gênero ou classe social. Ao chegar no ambiente escolar, os alunos se deparam com uma nova realidade, muitas vezes diversa da realidade costumeiramente vivenciada em seus lares. A escola, ainda nos dias atuais, consiste em um ambiente que é fortemente influenciado por métodos de ensino tradicionalistas, que em alguns casos do cotidiano escolar, desvalorizam a importância da vivência na formação do aluno e pouco oferece interesse para a demonstração de afeto nas relações de interação e comunicação entre professor-aluno.

De forma ainda muito tradicional e sem a valorização do ser histórico e social que é o aluno, seu protagonismo social ainda se encontra sendo desestimulado por parte de alguns educadores. Na prática tradicional de ensino e de estruturação do ambiente escolar, a qual ainda possui marcas nos modos de ensinar-aprender da atualidade, o aluno é convidado a se manter imóvel numa carteira, devendo falar pouco ou quase nada, e ser um mero expectador do professor, isto é, um depósito de conhecimentos ao qual o professor lança as suas ideias e conteúdos (Freire, 2005). O professor, por sua vez, mostra-se como centro do processo de ensino, mantendo-se à distância do aluno e, em alguns casos, achando-se superior a eles, evitando se envolver afetivamente, pensando erroneamente que o excesso de aproximação com o discente levaria a um “excesso de confiança” destes e, por consequência, em seu fracasso no processo de aprendizagem.

Levando em conta essas concepções, mostra-se a necessidade de sua superação, tendo em vista o valor do afeto para as relações e processos de ensino-aprendizagem. O afeto surge como um instrumento que proporciona a integração da criança com a sensibilidade, através da motivação e da conscientização, buscando a formação de um cidadão crítico e reflexivo, quebrando paradigmas e superando formas de ensino até então defendidas pelo ensino tradicional.

Dessa forma, no ambiente escolar, nota-se que os alunos que possuem uma boa relação afetiva são mais seguros, apresentam maior interesse para adquirir novos conhecimentos e, portanto, tem um bom rendimento escolar (Wadsworth, 1997; Ferrarezi, 2023). Considerando que a escola é um campo de vivência e cidadania, é preciso que ela possa trazer no seu alicerce o ideal de proporcionar aos educandos momentos prazerosos de aprendizagem. Por esta razão, identifica-se a importância do bom relacionamento afetivo entre docentes e discentes dentro da escola.

Através da relação professor-aluno, podemos perceber um maior envolvimento e caminho para o processo de ensino-aprendizagem. Especialmente, quando a afetividade aparece como ponto forte, devendo ser vista, portanto, como ponto-chave para o pleno desenvolvimento do educando (Silva, Albuquerque, 2015). Podemos dizer que essa relação entre educador e educando pode ser considerado o centro do processo pedagógico, uma vez que esse contato pode estabelecer uma intrínseca conexão entre a realidade escolar e a realidade do mundo que é vivenciada pelos alunos, fazendo da escola um local de troca de vivências.

A relação professor-aluno passa pelo trato do conteúdo de ensino. A forma como o professor se relaciona com sua própria área de conhecimento é fundamental, assim como sua percepção de ciência e de produção do conhecimento. E isto interfere na relação professor-aluno, e parte desta relação (Veiga, 1993, p. 147).

O processo de ensino, por sua vez, ultrapassa os limites de transmissão de conhecimentos, a estrutura e a mecanização didática, podendo ser entendido como um processo de interação e de troca de conhecimentos e vivências entre seus membros, de modo que os conteúdos vão se adequando à realidade do aluno e trabalhados a partir de situações diárias que servem de base para o conteúdo didático pré-estabelecido. Isso pode

ocorrer por meio de uma postura que não seja só através de conteúdo escolar, para que o educando também possa mudar sua visão de mundo diante de fatos cotidianos que, associados aos conteúdos, poderão proporcionar uma mudança por meio de uma aprendizagem mais significativa.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Caracterização do *lócus* de pesquisa e procedimentos metodológicos

A pesquisa teve como população de referência discentes e docentes dos 6^o ao 9^o anos, tendo como base, portanto, turmas do Ensino Fundamental II de uma escola pública do município de Rafael Godeiro/RN. A escola pública investigada oferta o Ensino Fundamental I e II e também a Educação de Jovens e Adultos (EJA), desempenhando um papel de grande relevância no município, o qual está situado, por sua vez, na região Oeste do Estado do Rio Grande do Norte, localizado na microrregião de Umarizal e limitando-se com os municípios de Patu, Olho D'água do Borges, Almino Afonso, Lucrecia e Umarizal. Possuindo uma baixa densidade demográfica, conforme o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (sendo 30,47 habitantes por km²), a cidade de Rafael Godeiro-RN conta com uma população de aproximadamente 2.934 habitantes e uma área territorial de 100 km² (IBGE, 2022³), sendo sua principal fonte de renda a agricultura.

Com efeito, o presente estudo parte de uma abordagem qualitativa, considerando que lidamos com recortes da realidade, os quais são interpretados de acordo com o contexto da observação em que se inseriu a pesquisa. Ao mesmo tempo, são tomadas, inicialmente, as premissas da perspectiva exploratória – a fim de melhor se conhecer a escola investigada e os sujeitos que a constituem. Esse tipo de pesquisa, segundo Lakatos e Marconi (1996, p. 80) “tem o objetivo de levantar informações sobre o problema estudado”.

Segundo Chizzotti (2001, p. 79), a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a

³ Conforme dados disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/rafael-godeiro.html> Acesso em: 13 mar. 2025.

subjetividade do sujeito. Assim, o objeto não é um dado inerte e neutro; estando possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

A partir do viés qualitativo, que consistiu na escolha de métodos e teorias especificadas, proporcionando reflexões coerentes por parte do pesquisador e facilitando a produção do conhecimento, fizemos uso também da pesquisa bibliográfica, de modo a conhecermos as diversas perspectivas e teorias que abordaram a temática trabalhada. Nesta fase da pesquisa, foi realizado um levantamento de autores e obras que abordam temáticas relativas aos conceitos de afetividade, escola, processos de ensino-aprendizagem, etc., por meio de livros, revistas científicas, periódicos especializados e documentos diversos, visando uma maior ampliação dos conhecimentos construídos.

Concomitantemente ao uso da pesquisa bibliográfica, foi utilizada ainda a metodologia de estudo de caso (Yin, 2001), tendo em vista o foco do estudo em uma realidade específica, isto é, uma escola pública do município de Rafael Godeiro-RN, especialmente, as turmas do ensino fundamental II, a fim de analisar a importância das relações afetivas nos processos de ensino-aprendizagem.

POPULAÇÃO E AMOSTRA

A escola selecionada para este estudo atende um total de 342 alunos nos turnos matutino, vespertino e noturno, estando estes divididos por níveis em Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos – EJA. Os alunos da instituição fazem parte de diferentes classes sociais e, em sua maioria, são oriundos da zona urbana do município.

Com um total de 54 profissionais, a escola é composta por 01 (um) diretor, 01 (um) vice-diretor, 01 (um) supervisor pedagógico, 11 (onze) auxiliares de serviços gerais, 08 (oito) vigias e 32 (trinta e dois) docentes, sendo 28 (vinte e oito) destes graduados e atuando em suas áreas específicas de formação. Os outros 04 (quatro) estão cursando nível superior. Do total de docentes, 24 (vinte e quatro) são especialistas e 06 (seis) são mestres.

Diante de um universo de 32 professores, 342 alunos e 08 salas de aula, a amostra que foi pesquisada é composta por 04 (quatro) salas de aulas, as quais foram partes efetivas dos processos de observação. Dessa forma, o universo da nossa pesquisa compreendeu especificamente os anos finais do Ensino Fundamental, isto é, alunos e professores dos 6º ao 9º anos. Realizamos observações *in loco* e, *a posteriori*, aplicamos questionários com questões

abertas e fechadas junto aos docentes e discentes da instituição, com o objetivo de nos embasarmos e realizar uma análise dos dados da pesquisa. Tendo em vista que a observação foi realizada no período de 1 mês, cada sala – enfatizando especialmente as relações nelas estabelecidas entre educador e educando – foi observada durante 01 (uma) semana. Para a aplicação dos questionários, foram considerados os/as docentes das salas observadas (6º ao 9º anos) e um total de 32 (trinta e dois) educandos, sendo 08 (oito) alunos de cada sala.

PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para a sua execução, o objetivo da pesquisa foi explicado por meio de uma visita formal à Escola eleita, com posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, simbolizando a concordância dos agentes envolvidos e responsáveis.

Para a coleta de informações preliminares, foram realizadas novas visitas, a partir das quais foram empreendidas observações e a aplicação dos questionários. Durante este procedimento, a fim de aprofundar o estudo, foram analisadas as reações dos participantes, porém sem interferências no cotidiano dos sujeitos da pesquisa, buscando, dessa forma, relatos e registros mais concretos e próximos do contexto real que melhor representasse o objeto estudado.

Foram realizadas observações em quatro salas de aula, sendo destinada uma semana para cada, totalizando um mês. Neste mesmo período, foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas, abordando questões referentes à temática pesquisada – afetividade, escola, processos de ensino-aprendizagem. A aplicação dos questionários ocorreu junto aos professores das quatro salas analisadas, de acordo com a disponibilidade de tempo dos colaboradores. Por questões éticas, suas identidades foram preservadas. Ao mesmo tempo, também foram aplicados os questionários junto aos educandos, visando entender e analisar suas concepções acerca das relações afetivas e sua importância no ambiente escolar, especialmente no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem. Após o processo de coleta de dados, os resultados foram examinados qualitativamente.

Lakatos e Marconi (1996) afirmam que os questionários têm como função principal a coleta de dados e são voltados na maioria das vezes para estudos quantitativos. Apesar disso, também podem ser utilizadas para pesquisas qualitativas, ressaltam. O questionário foi elaborado levando em consideração as especificidades de nossa pesquisa.

O mesmo foi composto por questões abertas e fechadas, as quais abordaram os temas relacionados às práticas pedagógicas e as relações afetivas no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar.

O uso de questionários nas pesquisas que tem como método o estudo de caso são recorrentes, de acordo com Gil (1991). No estudo de caso, abordagens quantitativas e qualitativas podem ser combinadas, atesta o autor. Para ele, esta combinação poderá favorecer uma melhor compreensão do caso estudado.

Em nosso estudo, os dados obtidos com a aplicação dos questionários não terão um tratamento e análise de viés quantitativo, mas qualitativo, no sentido de que a partir dos dados coletados, não somente faremos uma quantificação, mas também uma análise, de modo a verificar, a partir das questões, se os professores e alunos desenvolvem relações de afeto no cotidiano escolar e se estes aspectos são considerados favoráveis ou não nos processos de ensino-aprendizagem. A pesquisa qualitativa é utilizada para a compreensão dos dados apreendidos, possuindo um caráter mais exploratório, compreensivo e descritivo, sendo indutiva, e no nosso caso, imprescindível para a compreensão dos dados obtidos.

Desta forma, utilizando destes procedimentos, buscou-se enfocar e discutir a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, assim como verificar a relação da afetividade no vínculo professor-aluno nas séries finais do ensino fundamental.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ser um mediador e um aprendiz ao mesmo tempo, é isto que Paulo Freire (1997) propõe aos educadores da contemporaneidade. Quando levamos estas orientações para o ambiente escolar e a confrontamos com a importância da relação afetiva entre educadores e educandos nas práticas pedagógicas, foco de nosso trabalho, podemos observar que o professor tem que se colocar, como propõe Paulo Freire, não apenas como um educador, mas também como aprendiz, no sentido de sempre estar se atualizando as novas necessidades e exigências pedagógicas.

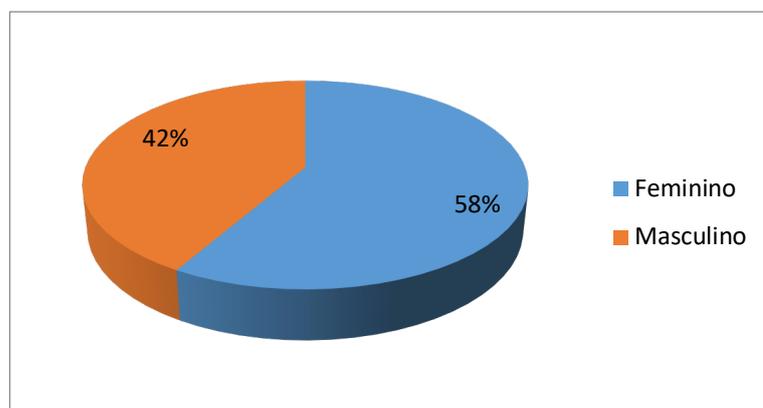
As relações afetivas tornaram-se cada vez mais relevantes no ambiente escolar e, por este motivo, a realização deste trabalho dar-se através de uma análise a respeito da importância da afetividade na relação professor-aluno nos anos finais do Ensino

Fundamental, observando como esta vem sendo trabalhada em uma escola pública do município de Rafael Godeiro-RN. Como já explicitado anteriormente, por meio de um estudo de caso, analisamos como se configura a utilização da afetividade e sua importância para o processo de ensino-aprendizagem entre educadores e educandos no *locus* de pesquisa selecionado.

A partir dos dados coletados nos questionários aplicados junto aos professores e alunos, temos a oportunidade de identificar se as práticas afetivas estão favorecendo o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos, bem como se os professores da instituição investigada consideram pertinentes ou não o seu uso, entre outros fatores que podem facilitar ou impossibilitar esta questão.

Antes de adentrarmos efetivamente no assunto, faz-se necessário algumas considerações sobre alguns aspectos do perfil do público pesquisado, entre eles o gênero dos profissionais que compõem nosso campo de investigação, estando este distribuído, como mostra o gráfico 1, da seguinte forma: 58% do professorado são do gênero feminino, enquanto 42%, respectivamente, são do gênero masculino. Embora essa diferença de porcentagem não se apresente de forma tão expressiva e não implique na questão afetiva, se mostra como importante no sentido de melhor se conhecer o corpo docente da instituição.

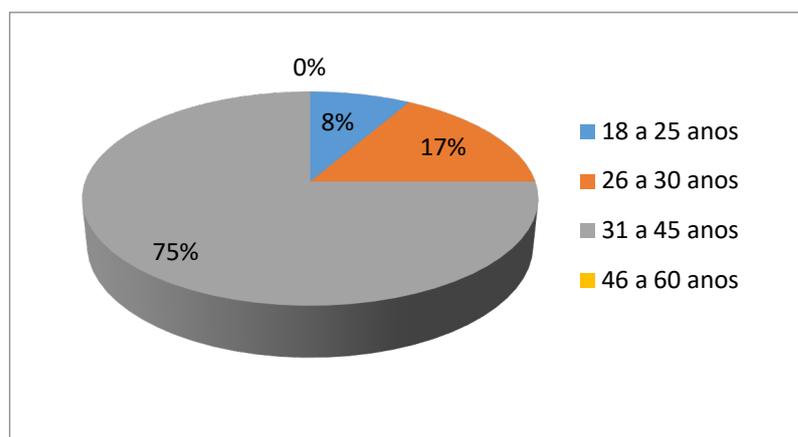
Gráfico 1: Perfil dos professores por gênero.



Fonte: dados da pesquisa.

No que se refere a faixa-etária dos professores da escola selecionada, a maioria (75%) estão na faixa-etária entre os 31 e 45 anos de idade. Os professores que estão entre os 18 e 25 anos (menor faixa etária indicada) correspondem a 8%, sendo a faixa etária menos representativa, como podemos ver no gráfico 2.

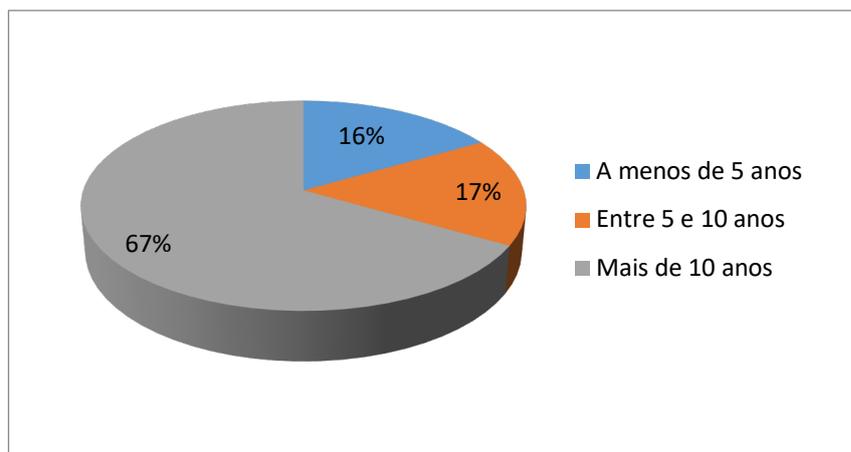
Gráfico 2: Faixa etária dos professores.



Fonte: dados da pesquisa.

Outro ponto que se mostra pertinente é o tempo de atuação no ensino de 6º ao 9º anos que os professores possuem. De acordo com as informações coletadas, a maioria (67%) dos professores da instituição pesquisada possuem mais de 10 (dez) anos de experiência nas séries finais do ensino fundamental. Os outros números são assim expressos: 17% entre 5 (cinco) e 10 (dez) anos de experiência e 16% com menos de 5 (cinco) anos, como mostra o gráfico 3.

Gráfico 3 - Tempo de atuação no Ensino Fundamental II.



Fonte: dados da pesquisa.

A análise destas questões são importantes, pois, a partir delas poderemos relacionar e entender os aspectos centrais de nossa investigação, já que, de acordo com Darling-Hammond (2015), a formação e a experiência são fatores que influenciam o bom desempenho dos professores, de modo que, possuindo estes dois fatores satisfatoriamente, os professores poderão desenvolver estratégias que proporcionarão uma melhor interação com os alunos, assim como melhores resultados, ou seja, a experiência docente atrelada as questões afetivas, compõem fatores propulsores para se instigar a atenção e desenvolver a aprendizagem dos educandos. Nesse sentido, em se tratando do aspecto da formação docente, como já mencionado anteriormente, temos ainda alguns professores em formação e outros em sua maioria graduados e atuando em suas respectivas áreas de formação.

Em relação às questões abertas dos questionários aplicados, apresentamos um breve apanhado sobre o posicionamento dos docentes no que se refere à temática abordada. Iniciamos os questionamentos indagando sobre o que os docentes entendiam por afeto. Em sua maioria, estes consideraram o afeto “um ato de carinho”, “sentimento de amor”, “afeição”, “ternura” e “estima pelo outro”. Também se destacaram concepções como “cuidado”, “benevolência” e “doação”. Estas visões articulam-se ao entendimento da afetividade como uma capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis de sentimentos.

Nesse sentido, como afirma Dantas (1992), a afetividade pode ser designada como os processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas da emoção, podendo ser conceituada como uma das formas de amor. Desta forma, nos baseando nos teóricos que estudam as relações afetivas e suas implicações diretas no processo de ensino-aprendizagem e com as afirmações dos docentes do nosso recorte de pesquisa, podemos relacionar o aspecto afetivo diretamente com as relações sociais, assim como defende Pino (1997, p. 130-131):

[...] parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam [...]. São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo.

Em outro questionamento, perguntamos se os docentes percebem o afeto oriundo dos alunos, sendo que a maioria respondeu que a afetividade pode ser percebida, principalmente, nas demonstrações de carinho e afeição que os educandos transmitem, seja através de abraços, sorrisos e até mesmo quando presenteiam o próprio professor. Dessa forma, os educadores admitem que costumam reconhecer quando os educandos estão enfrentando algum problema em casa, pois através de seu comportamento e formas de se expressar no ambiente escolar, esses sentimentos são refletidos. O que revela através dessas respostas que os educadores além de repassar os conteúdos, se portam como cuidadores intrínsecos de seus alunos, sempre preocupados não apenas com a aprendizagem, mas também com o desenvolvimento pessoal dos mesmos.

Quando perguntados como se deve acolher, receber os alunos nos primeiros dias de aula, os educadores em sua maioria defendem que estes devem ser recebidos com carinho, demonstração de afeto, mas que esse não seja tão explícito ao ponto de tirar a autonomia do professor na sala, uma vez que alguns destes acreditam que a demonstração de afeto quando em excesso pode levar ao descontrole ou à falta de autonomia do professor na sala. No entanto, defendem que as relações afetivas devem ser mantidas no dia-a-dia da sala de aula e que estas ajudam no processo de partilha de conhecimentos e aquisição destes pelos alunos.

Dessa forma, apontam que a afetividade, assim como os momentos de proximidade e atenção no ambiente escolar, deve ocorrer durante toda a aula e não apenas na entrada e saída da sala. Nota-se que, na opinião da maioria, que todos os momentos da aula podem ser propícios para que as relações afetivas ocorram e, assim, facilite a relação entre professor e educando.

Por fim, alguns educadores, uma faixa de 50%, consideram relevantes formações continuadas acerca deste assunto. Não que estes não conheçam ou saibam se comportar de forma afetiva no ambiente escolar, mas no sentido de que possam aprimorar a prática pedagógica e, assim, favorecer o processo de ensino-aprendizagem, pois a maioria dos profissionais que compõem o quadro docente da instituição consideram a afetividade peça de fundamental importância no ambiente escolar e no processo de ensino-aprendizagem do educando.

Como afirma Rodrigues (1976), os motivos pelos quais o ser humano busca aprender qualquer coisa são, em sua maioria das vezes, profundamente interiores. Segundo ele, uma criança aprende melhor e mais depressa quando se sente amada, está segura e é tratada como um ser singular. E os motivos da criança para aprender são os mesmos que ela tem para viver, pois não se dissociam de suas características físicas, motoras, afetivas e psicológicas.

Estes argumentos, baseados em nossa pesquisa, justificam a importância da afetividade na relação aluno-professor para a construção do ser humano, investigando o afeto e sua importância no processo da aprendizagem, ao mesmo tempo em que consideram que o papel do educador e o vínculo afetivo apresenta-se como facilitador para potencializar as habilidades dos seus alunos e suas contribuições positivas e negativas para o crescimento do indivíduo em sua totalidade.

Após a aplicação dos questionários com os docentes, passamos a análise dos dados coletados com os educandos, que também fazem parte do universo da nossa pesquisa. Iniciamos os questionamentos perguntando se os mesmos gostavam da escola e que sentimentos costumam sentir quando estão no ambiente escolar. Cerca de 62% dos alunos-respondentes afirmaram gostar da escola, que se sentem bem nesse ambiente, sendo comum se sentirem alegres, confiantes e felizes, pois estão próximos de seus amigos, com quem podem compartilhar ideias, momentos de dificuldades e de felicidades.

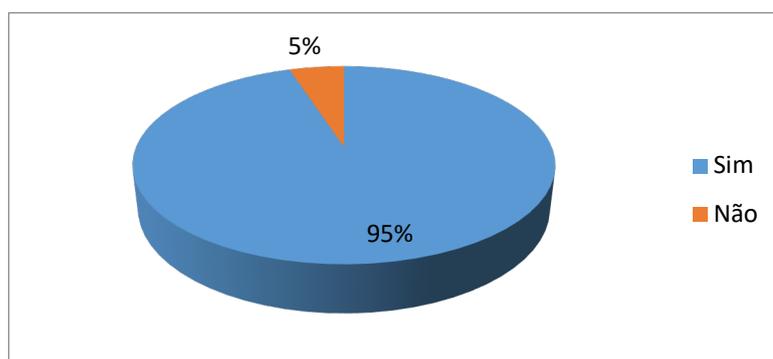
Por outro lado, 31% dos alunos, apesar de responderem que gostam da escola, dos professores e profissionais da instituição, no entanto, afirmaram não gostar das aulas, ou melhor dizendo, não gostam de estudar, vindo muitas vezes por obrigação. Esses mesmos alunos também afirmaram que se sentem mais à vontade e satisfeitos quando estão em aulas de professores mais “afetuosos” e que demonstram mais carinho e receptividade, acolhendo e recebendo a todos com alegria e demonstrações de afeto.

Esses dados demonstram que um comportamento afetuoso por parte dos professores pode promover, junto aos alunos que possuem dificuldades em estar na escola, o interesse e atenção. Ao mesmo tempo, aponta que a falta de receptividade e acolhimento pode levar ao maior distanciamento dos alunos, o que tende a contribuir para processos de ensino-aprendizagem não exitosos. Por fim, 7% dos alunos não quiseram opinar sobre o assunto. Como afirma Freire,

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (Freire, 1996, p. 96).

Quando perguntados sobre a relação com os professores e com os colegas da sala e da escola como um todo, os alunos-respondentes apresentaram respostas que evidenciam relações positivas com a escola e os sujeitos que a constituem, como mostram os gráficos 4 e 5.

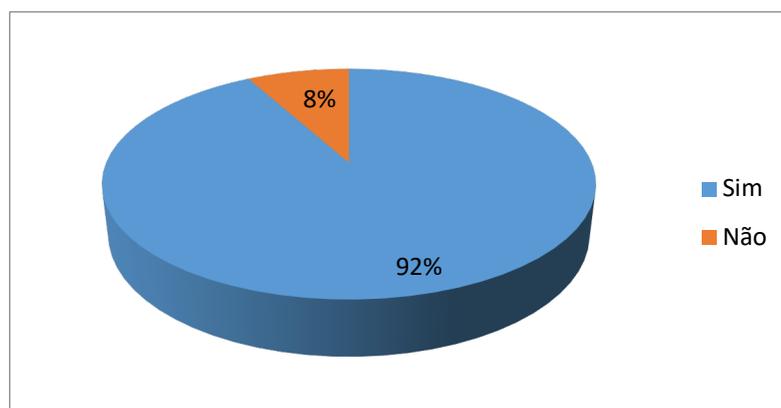
Gráfico 4 – O relacionamento com os colegas é positivo?



Fonte: dados da pesquisa.

Com base no gráfico destacado acima, 95% dos educandos afirmaram que se relacionam bem com os colegas da sala e demais alunos e profissionais da escola, sendo que apenas 5% disseram não se relacionar de forma afetuosa com os colegas.

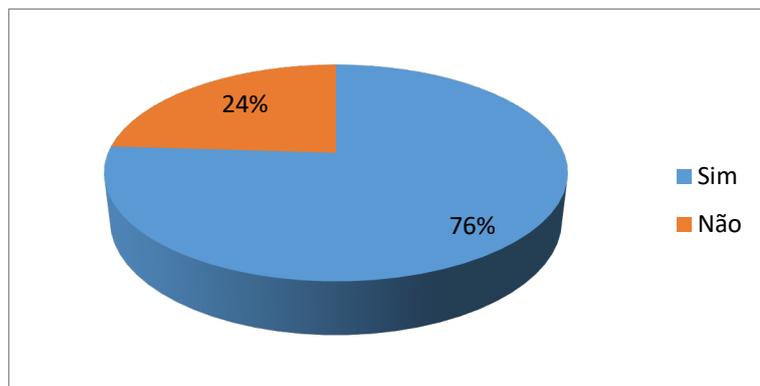
Gráfico 5 – A relação com os professores é positiva?



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Ao mesmo tempo, a grande maioria dos alunos também afirmaram que se relacionam bem com os educadores - um total de 92%, evidenciando que os educandos possuem uma relação de afeto e proximidade com os seus professores. Os alunos afirmaram ainda gostar de estar perto dos professores e até mesmo sentar próximo ou ao lado deles, pois algumas vezes estes conseguem perceber e fazer uma leitura dos seus comportamentos e sentimentos quando estão felizes ou mesmo quando se mostram tristes e/ou preocupados, conforme evidenciado pelo gráfico 6.

Gráfico 6 – Os professores possuem um olhar cuidadoso com os alunos?

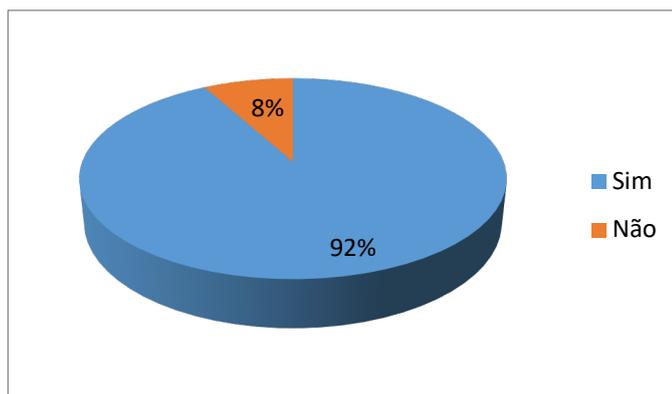


Fonte: dados da pesquisa.

Nesse contexto, faz-se necessário entender que a relação professor-aluno depende, fundamentalmente, do elo estabelecido entre ambos e da capacidade de ouvir e refletir. Como verificamos no gráfico 6, os alunos afirmam que 76% dos professores percebem quando eles se mostram indiferentes, tristes ou alegres, evidenciando a existência de um olhar cuidadoso e afetuoso, enquanto 24% dos educandos dizem que não, que os professores não têm essa percepção acerca de seus sentimentos e emoções.

Por fim, indagamos aos alunos se eles concordam que as relações afetivas, compreendendo professor e aluno, podem favorecer e facilitar o processo de ensino-aprendizagem e a aquisição do conhecimento. Do percentual respondido, 92% afirmaram que sim, que a afetividade facilita a aprendizagem, pois quando “bem tratados” pelos professores se sentem mais confiantes e determinados a aprender. Por outro lado, 8% afirmaram que não, que o afeto promovido pelo professor não interfere na aprendizagem.

Gráfico 7 – Importância da afetividade na relação professor-aluno.



Fonte: dados da pesquisa.

Fernández (1991) afirma que é durante o desenvolvimento do sujeito que os vínculos afetivos vão se ampliando, sendo a figura do professor um agente importante, tendo em vista a relação de ensino-aprendizagem na época escolar. O autor também postula que para haver aprendizagem é necessário que haja no mínimo dois personagens, o ensinante e o aprendiz. Nessa relação, é apontada como muito necessária a presença da confiança, uma vez que não aprendemos de qualquer modo, mas a partir daquele a quem outorgamos o direito de ensinar e sentimos segurança.

Assim, o papel do professor é de mediador do conhecimento, isto é, um modelo na sua forma de expressar valores, resolver conflitos, comunicar-se; na forma de ouvir, falar e de relacionar-se com os outros professores e com os alunos. O professor configura-se para o aluno não apenas como o transmissor de conteúdos, mas sua postura se reflete nas relações do aluno com o conhecimento e na relação aluno-aluno. É importante que o professor entenda que o lugar que ele ocupa em relação aos seus alunos não é apenas aquele que ensina, mas sim aquele que deixa marcas. Para isso, é de fundamental importância que o professor esteja consciente de sua responsabilidade, tomando decisões de acordo com os valores morais e as relações sociais de sua prática, considerando, ainda, as condições de vida familiar e social de seus alunos.

A relação de afetividade entre professor/aluno e aluno/professor enfatiza-se pelo respeito entre as diversas partes envolvidas, bem como pelo reconhecimento do outro como um sujeito complexo e constituído pela multiplicidade das relações sociais, mediado por uma miríade de experiências históricas e culturais, onde o afeto pode ser um elemento propulsor para a produção de sociabilidade, confiança e conhecimento.

É evidente, nesse sentido, a importância dos educadores na vida dos alunos, como visto por alguns dos dados apresentados, o que demonstra que o professor faz a diferença – e, mais do que isso, os afetos que por ele são mobilizados. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de reconhecer que a escola, com efeito, deve voltar-se para a qualidade de suas ações e relações, valorizando o desenvolvimento também afetivo, articulado aos aspectos sociais e cognitivos, vistos como elementos fundamentais no desenvolvimento do aluno como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a temática da afetividade na relação professor-aluno e sua importância nas séries finais do ensino fundamental de uma escola pública do município de Rafael Godeiro/RN, realizamos uma pesquisa que se propôs a refletir sobre a importância dos aspectos afetivos durante a construção do processo de ensino-aprendizagem.

Como instrumento de pesquisa foi utilizado uma abordagem qualitativa, através da pesquisa bibliográfica, exploratória e do estudo de caso. Buscou-se, neste trabalho, identificar através da investigação das relações entre alunos e professores dos 6º ao 9º anos, a presença da afetividade no contexto da sala de aula e a sua importância. Após a análise dos dados obtidos através da aplicação de questionários junto a professores e alunos, verificou-se a presença das relações afetivas no ambiente escolar, assim como a importância destas para o processo de ensino-aprendizagem, visto que os alunos revelaram através de suas respostas a importância do olhar do professor para eles, de modo que quando sentem-se mais amados e acolhidos pelos professores, sentem-se também mais propícios a aprender e a continuar na sala, acompanhando a aula e, assim, favorecendo o seu processo de aprendizagem.

Ao mesmo tempo, quando perguntamos também aos docentes sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, verificamos, a partir de nossas análises, que para os professores que responderam aos questionários, a afetividade é de fundamental importância no ambiente escolar, uma vez que favorece um melhor processo de ensino-aprendizagem, fator que é afirmado por estudiosos da área.

Nesta perspectiva, o papel dos professores não é mais o daquele sujeito que somente transmite e/ou impõe conhecimentos. O professor deve ser um mediador/orientador das ações desenvolvidas. Deve favorecer o surgimento de situações que possam despertar o interesse, a criatividade e a curiosidade, de modo que desta forma, será constituído um ambiente no qual as experiências e aprendizados possam ser mais prazerosos e ao mesmo tempo afetuosos, onde todos se sintam participes e valorizados.

Por fim, a partir de nosso estudo de caso, podemos afirmar que a afetividade na relação professor-aluno, especificamente em nosso *lócus* de pesquisa, favorece o processo de ensino-aprendizagem e que realmente contribuem para o desenvolvimento social e cognitivo dos sujeitos. Dessa forma, reforça-se a importância de seu reconhecimento e

inserção nas práticas educativas, uma vez que os vínculos afetivos estão presentes no cotidiano da escola e se refletem nas questões de ordem cognitiva e motora, a partir do momento que os indivíduos se identificam e buscam, coletivamente, soluções frente às necessidades dos alunos, suas possibilidades e potencialidades. Portanto, a partir do conhecimento sobre a realidade e vivência do aluno, o professor obtém elementos que favorecem a obtenção de uma percepção mais ampla sobre ele, ligando-se às suas realidades e vivências por meio da observação em seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CABRAL, A.; NICK, E. **Dicionário Técnico de Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CANDAU, V. M. (Org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.
- DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- DARLING-HAMMOND, L. A importância da formação docente. **Cadernos Cenpec| Nova série**, v. 4, n. 2, 2015.
- FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FERRAREZI, R. S. L. Um traço e um abraço: Afetividade como elemento facilitador da aprendizagem. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 40, n. 121, p. 76-83, abr. 2023. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862023000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 mar. 2025.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1996.

PIAGET, J. **Inteligência y afectividad**. Buenos Aires: Aique, 2005.

PINO, A. **O Biólogo e o cultural nos processos cognitivos, em linguagem, cultura e cognição**: reflexão para o ensino de ciências. Campinas: Gráfica da Faculdade e Educação, 1997.

REGINATTO, R. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. **REI – Revista de Educação do IDEAU**. v. 8, n. 18, p. 1-12, Julho - Dezembro 2013.

RODRIGUES, M. **Psicologia educacional**: uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SILVA, C. S.; ALBUQUERQUE, I. N. A afetividade na aprendizagem: o olhar de alunos do 6º ano do ensino fundamental. **Form@re**, v. 3, n. 2, p. 3-18, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/4613> Acesso em: 13 mar. 2025.

VEIGA, I. P. A. **Repensando a didática do ensino**. Campinas: Papyrus, 1993.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na Teoria de Piaget**: Fundamentos do Construtivismo. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

**A QUESTÃO DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO
FUNDAMENTAL II: ESTUDO DE CASO A PARTIR DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO
MUNICÍPIO DE RAFAEL GODEIRO-RN**

RESUMO

Neste trabalho, objetivamos realizar um estudo de caso acerca da importância da afetividade na relação professor-aluno e suas implicações no desenvolvimento da aprendizagem dos discentes do Ensino Fundamental II, a partir de uma investigação realizada em uma escola pública do município de Rafael Godeiro-RN. Tendo como base uma abordagem qualitativa, adotamos como métodos a pesquisa exploratória para mapear a escola citada e, posteriormente, realizamos um estudo de caso, a fim de analisar como os docentes e alunos lidam com os fatores relativos à afetividade, considerando tanto os aspectos referentes ao acolhimento, bem como atentando para as implicações que a afetividade tem no que concerne ao desenvolvimento da aprendizagem no ambiente educacional. Como técnica de coleta de dados, utilizamos da observação e aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas. Como resultado, verificou-se que a afetividade é de suma importância nas relações entre professor-aluno, assim como para os processos de ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Afetividade. Professor-Aluno. Estudo de caso. Ensino Fundamental II.

***THE ISSUE OF AFFECTIVITY IN THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP IN ELEMENTARY
EDUCATION II: CASE STUDY FROM A PUBLIC SCHOOL IN RAFAEL GODEIRO-RN, BRAZIL***

ABSTRACT

In this study, we aim to conduct a case study on the importance of affectivity in the teacher-student relationship and its implications for the learning development of lower secondary school students, based on an investigation carried out in a public school in the municipality of Rafael Godeiro-RN. Using a qualitative approach, we adopted exploratory research methods to map the selected school and subsequently conducted a case study to analyze how teachers and students deal with factors related to affectivity. This analysis considered both aspects related to student support and the implications of affectivity in the learning development process within the educational environment. As data collection techniques, we used observation and the application of questionnaires with both open-ended and closed-ended questions. The results showed that affectivity is of utmost importance in teacher-student relationships as well as in teaching and learning processes.

Keywords: Affectivity. Teacher-Student. Case Study. Elementary School II